

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

Mariane da Silva

**"O RETORNO DA MEDUSA":
O MITO DE MEDUSA E A MULHER SÍMBOLO DE MONSTRUOSIDADE**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Animação apresentado ao Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Bacharel em Animação. Orientador: Prof. Dr. André Luiz Sens.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Mariane

O retorno da Medusa : O mito da mulher símbolo da
monstruosidade / Mariane Silva ; orientador, André Luiz
Sens, 2022.

22 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Animação, Florianópolis,
2022.

Inclui referências.

1. Animação. 2. Mitologia Grega. 3. Medusa. 4.
Feminismo. 5. Animação. I. Luiz Sens, André . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Animação. III. Título.

Mariane da Silva

**O retorno de Medusa
O mito da mulher simbolo de monstruosidade**

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Animação e aprovado em sua forma final pelo Curso de Animação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 15 de Dezembro de 2022.

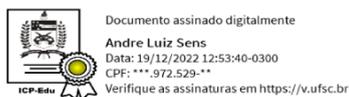
Prof. Flávio Andaló, Dr. Coordenador do Curso de Animação UFSC

Banca Examinadora:

Prof. Dr. André Luiz Sens, (Universidade Federal de Santa Catarina)

Prof. Dr. Flávio Andaló, (Universidade Federal de Santa Catarina)

Prof. Dra. Rosana Andrade Dias do Nascimento, (Universidade Federal de Santa Catarina)



Professor/a Orientador/a
Universidade Federal de Santa Catarina

**"O RETORNO DA MEDUSA":
O MITO DE MEDUSA E A MULHER SÍMBOLO DE MONSTRUOSIDADE**

Mariane da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina
marianesuaz@gmail.com

RESUMO

Ao longo dos anos, a Medusa mitológica ganhou diferentes versões, todas geralmente associadas à beleza, vilania e monstruosidade. Esses recursos narrativos são construídos a partir das perspectivas vigentes sobre o papel da mulher na sociedade. Na animação O Retorno da Medusa, de Mariane da Silva, a Medusa é ressignificada a partir de extensões aos eventos narrativos presentes no mito original e de construções visuais específicas. Portanto, este trabalho visa analisar essa obra, especialmente as alterações feitas em busca de renovações calcadas nos valores e códigos socioculturais atuais sobre a figura feminina. Os resultados apontam para uma mudança de percepção da personagem e uma tentativa de uma maior adequação ao papel do feminino no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Mitologia Grega; Medusa; Feminismo; Animação.

ABSTRACT

Over the years, the mythological Medusa has gained different versions, all generally associated with beauty, villainy and monstrosity. These narrative resources are built from the prevailing perspectives on the role of women in society. In the animation The Return of Medusa, by Mariane da Silva, Medusa is re-signified from extensions to the narrative events present in the original myth and from specific visual constructions. Therefore, this work aims to analyze this work, especially the changes made in search of renovations based on current sociocultural values and codes about the female figure. The results point to a change in the character's perception and an attempt to better adapt to the feminine role in the contemporary world.

Keywords: Greek Mythology; Medusa; Feminism; Animation.

1. Introdução

Mito, do grego *mithos*, é o ato de contar ou narrar histórias. Os mitos, portanto, caracterizam um conjunto de contos que representam elementos culturais e filosóficos originários de um povo. A linguagem do mito é composta por elementos de aspectos da natureza relacionados com as complexidades da vida humana, a experiência do homem com o universo e suas relações sociais e individuais.

No livro *O Poder do Mito*, Joseph Campbell (2014) assevera que o mito explora as potencialidades espirituais da vida humana; em outras palavras, o mito baseia-se nas experiências sociais e coletivas para criar narrativas que personificam as emoções, os mistérios e as complexidades da vida humana, as dúvidas e as inquietações sociais. Dentre essas narrativas, temos na mitologia grega as seis deusas olímpias descrita pelos poemas de Hesíodo (2000). São elas: Hera, Afrodite, Ártemis, Atena, Deméter e Héstia. Todas elas possuem padrões e símbolos arquetípicos que ressaltam sua existência - ao comparar a mulher mitológica com o papel da mulher durante a antiga Grécia, é possível perceber a influência das estruturas sociais e políticas nas narrativas mitológicas.

Outra personagem da mitologia grega é a Medusa, do mito de Perseu e Medusa, uma personagem feminina que nasceu portadora da beleza e foi transformada em uma górgona de cabelos de serpente que emanava de seus olhos o poder da petrificação.

Ao longo do tempo, o mito da Medusa foi recebendo diferentes versões das obras. Em geral, cabia o papel da vilã, da personagem boa e pura que é corrompida e castigada a se transformar em monstro; é uma personagem que em suas narrativas possui padrões arquetípicos símbolo da beleza e símbolo da monstruosidade.

Na adaptação *O Retorno da Medusa*, de Mariane da Silva (2022), autora deste trabalho, a Medusa revisita os eventos passados relatados no mito Perseu e Medusa através de uma narrativa que traz o ponto de vista da personagem, ressignifica alguns símbolos construídos na sua mitologia e traz a personagem de volta à vida, desencadeando novos eventos narrativos para sua história.

Desse modo, este trabalho visa analisar essa obra a partir das adaptações da personagem, em busca de atualizações sobre a perspectiva contemporânea, com valores e códigos socioculturais distintos.

2. O feminino na mitologia grega

A *Teogonia* é um dos registros mais antigos sobre a mitologia grega, apura o site Infoescola.¹ A obra contém poemas que narram os primeiros mitos e foi escrita pelo poeta Hesíodo (2000), que viveu entre o final do século VIII a.C. e o início do século VII a.C. Esse foi um período de construção e desenvolvimento da Grécia Antiga, incluindo sua política social e de Estado, a divisões de papéis sociais e a expansão das cidades-Estados espalhadas pelo seu território.

Quanto à questão de gênero na Grécia Antiga, a configuração social da época colocava a mulher como secundária na sociedade. Cabia a elas o casamento e a educação familiar. Política, medicina, ciência, literatura e comércio não eram suas atribuições. A doutora Sandra Ferreira dos Santos (2016) traz em seu artigo *A mulher na Magna Grécia: um “objeto” de valor* que:

Na Grécia Antiga, o papel social da mulher estava irremediavelmente ligado ao casamento e à religião. As mulheres não tinham participação política direta. Esses fatos, inegáveis, é certo, não significam, entretanto, que as mulheres gregas tivessem uma posição social inferior. O casamento era uma instituição fundamental para aquela sociedade, uma vez que garantia a descendência legítima, a cidadania dos filhos e a manutenção da propriedade. Além disso, a religião grega não era tratada com uma esfera da vida em separado, mas estava profundamente entranhada em todos os aspectos da vida. Nada se fazia sem a realização de rituais propiciatórios e como forma de agradar aos deuses, além de terem a religião e os mitos como importante forma de manutenção dos valores e de identidades. Se na política as mulheres gregas não possuíam participação direta, sua influência indireta é também inegável e documentada em várias fontes, inclusive escritas. (SANTOS, 2016, p. 30)

O filósofo Aristóteles (2019), em seu livro *A Política*, apresenta fragmentos de como a estrutura social da época considerava os homens naturalmente superiores às mulheres. Mesmo que ambos possuíssem as mesmas virtudes e valores morais, o papel da mulher deveria ser o de obedecer:

Seguem suas virtudes morais a mesma gradação: todos devem possuí-las, mas somente tanto quanto convém a seu estado. Quem comanda deve possuí-las todas no mais alto grau. Sua função é como a do arquiteto, isto é, a da própria razão; as dos outros se regulam pela conveniência. Todos têm, portanto, virtudes morais, mas a temperança, a força, a justiça não devem ser, como pensava Sócrates, as mesmas num homem e numa mulher. A força de um homem consiste em se impor; a de uma mulher, em vencer a dificuldade de obedecer. O mesmo ocorre com as demais virtudes. (ARISTÓTELES, 2019, p. 57)

Assim como Platão (2019) também vai reafirmar em *A República* que a relação entre o homem e a mulher é uma relação de governante para governado.

¹ Conferir em: ARAÚJO, Ana Paula de. *Teogonia de Hesíodo*. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/mitologia-grega/teogonia-de-hesiodo/>>. Último acesso em: dez. 2022.

Santos (2016) afirma que o discurso masculino que foi propagado pelas instituições e formações sociais fomentou simbolicamente a figura da mulher na Grécia Antiga. Os pensadores da época, a religião, a estrutura familiar, todos esses discursos naturalizavam a subordinação da mulher ao poder masculino:

A mitologia, em especial, veiculava inúmeros mitos nos quais a mulher, em seu “estado selvagem”, era mostrada como perigosa e danosa para a humanidade. Assim, era considerado um elemento fraco e impotente para responder por si às ameaças que a cercavam e de manter suas escolhas nos casos em que estas fugiam à norma social. Para “domar” uma mulher, era necessário casá-la assim que estivesse biologicamente pronta para isso, pois somente sob a tutela masculina a mulher estaria protegida dela mesma e não se tornaria um perigo para a sociedade. (SANTOS, 2016, p. 32)

É possível visualizar as nuances dessa construção social da imagem da mulher grega personificada em alguns mitos. Em algumas narrativas, cabia a mulher ser a figura da beleza que gera disputas. Em outras, a monstrosidade que amedronta os homens; da mulher vinha a selvageria e o pecado. Havia ainda o estereótipo da pureza e submissão. A mulher era descrita como virtuosa em alguns aspectos, mas ao mesmo tempo perigosa e danosa à sociedade. Muitas narrativas apresentam a figura do feminino em posição de castigo e sacrifício. Simone de Beauvoir (2014) faz uma reflexão sobre essa construção social refletida a imagem da mulher. Em seu livro *O Segundo Sexo* ela diz:

Organizando a opressão da mulher, os legisladores têm medo dela. Das virtudes ambivalentes de que ela se revestia retém-se principalmente o aspecto nefasto: de sagrada, ela se torna impura. Eva entregue a Adão para ser sua companheira perde o gênero humano; quando querem vingar-se dos homens, os deuses pagãos inventam a mulher e é a primeira dessas criaturas, Pandora, que desencadeia todos os males de que sofre a humanidade. O Outro é a passividade em face da atividade, a diversidade que quebra a unidade, a matéria oposta à forma, a desordem que resiste à ordem. A mulher é, assim, votada ao Mal. “Há um princípio bom que criou a ordem, a luz, o homem; e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher”, diz Pitágoras. (BEAUVOIR, 2014, p. 101).

A doutora Jean Shinoda Bolen (1990) apresenta em seu livro *As Deusas e a Mulher, nova psicologia das mulheres* os arquétipos por trás da essência principal de cada uma das seis deusas olímpicas. Ela desmistifica os símbolos das estruturas arquetípicas das deusas e os compara com a construção social da psique feminina. Jean separa as seis deusas e as define em três categorias: as deusas virgens, Ártemis, Atenas e Héstia como representação de independência e autossuficiência das mulheres; as deusas vulneráveis, Hera e Deméter, que representam os papéis tradicionais de esposa, mãe e filha, considerando que são deusas-arquétipos orientadas para o relacionamento; por último, Afrodite, a deusa do amor e

da beleza, a deusa alquímica ou transformativa que representa a busca pela intensidade no relacionamento e a receptividade às mudanças em torno das relações. Para Bolen (1990), cada uma das deusas expressam um ideal feminino e trabalham na psique feminina questões de como amar profundamente, trabalhar significativamente e ser sensual e criativa.

As deusas gregas são imagens de mulheres que viveram na imaginação humana por mais de três mil anos. As deusas são modelos ou representações daquilo com que as mulheres se assemelham (com mais poder e diversidade de comportamento do que as mulheres se têm historicamente consentido exercitar. Elas são bonitas e fortes. São motivadas por aquilo que lhes interessa) e, como eu defendo nesse livro, elas representam padrões inerentes ou arquétipos que podem modelar o curso da vida da mulher. (BOLEN, 1990, p. 30)

As representações simbólicas das seis deusas são aprofundadas em seus diversos mitos, baseando-se em suas ações, pensamentos, relações e interações. Nos mitos de Héstia, ela é representada como uma mulher doméstica e cuidadora da família; Hera como símbolo da respeitosa e poderosa matriarca da família, da mãe e mulher fiel; Afrodite como a essência do feminino e toda sua delicadeza e sexualidade; Ártemis como a mulher pura e de espírito ligado à natureza e ao respeito; Atena, símbolo da feminilidade sábia, relacionada ao artesanato, à justiça e à pacificidade; e Deméter, relacionada à fertilidade e às tarefas do campo.

Ao comparar as divindades femininas da mitologia grega com as transcrições filosóficas que contribuíram para a construção social da Grécia Antiga, encontramos o mesmo modelo sociocultural da época nos mitos - os homens dominavam o universo e as mulheres se encaixavam na figura feminina responsável pelo lar, família, fertilidade; respeitosas aos acordos que lhes cabiam, castigadas e disciplinadas quando confrontavam essas estruturas sociais.

As deusas também viviam numa sociedade patriarcal. Os deuses governavam a terra, o céu, o oceano e o inferno. Cada deusa independentemente se ajustava a essa realidade a seu modo, separando-se dos homens, unindo-se a eles como um deles, ou retraindo-se no íntimo. Cada deusa que dava valor a um determinado relacionamento era vulnerável e relativamente fraca em comparação aos deuses, que podiam negar-lhe o que ela queria e dominá-la. As deusas, portanto, representam modelos que refletem a vida numa cultura patriarcal. (BOLEN, 1990, p. 30)

Já as personagens femininas mortais e semideusas, cabia a elas o defeito de não se igualar à imagem das deusas. Pandora foi a primeira mulher mortal criada como um presente de Zeus aos homens criados por Prometeu. Zeus decidiu que daria a mulher de presente aos homens, mas ela levaria consigo uma caixa, a qual jamais poderia ser aberta. Ao abrir a caixa

por curiosidade, Pandora revelou todos os tipos de males que aferiram a Terra: desgraças, discórdias, guerras e doenças. Pandora era como Eva para a religião cristã, símbolo da mulher sedutora, bela e, ao mesmo tempo, perigosamente capaz de arruinar a humanidade.

A Medusa era como essas mulheres, uma jovem que foi símbolo de beleza e sedução, podendo se comparar arquetipicamente à categoria da deusa alquímica descrita por Bolen (1990), mas, ao ser transformada na imagem de uma górgona, a personagem passa ter características e atributos que a descrevem como símbolo da monstruosidade.

3. O mito da medusa, a mulher símbolo da monstruosidade

A Medusa é uma personagem feminina do mito grego Perseu e Medusa, sua origem encontra-se no livro *Teogonia: A origem dos deuses*, de Hesíodo (2000):

De Fórcis, Ceto gerou as Velhas de belas faces, grisalhas de nascença, apelidam-nas Velhas Deuses imortais e homens caminantes da terra: Penfredo de véu perfeito e Ênio de véu açafão. Gerou Górgonas que habitam além do ínclito Oceano os confins da noite (onde as Hespérides cantoras): Esteno, Euríale e Medusa que sofreu o funesto, era mortal, as outras imortais e sem velhice ambas, mas com ela deitou-se o Crina-preta. (HESÍODO, 2000, p. 96)

É necessário introduzir o mito da transformação da Medusa para que seja feita uma análise comparativa da personagem Medusa ao símbolo da monstruosidade. Utilizando o livro *Mulheres e deusas: Como as divindades e os mitos formaram a mulher atual*, de Renato Noguera (2017), para tanto, temos a jovem Medusa como sacerdotisa do templo da deusa Atena. As sacerdotisas de Atena deveriam se manter virgens e viver honradamente as disciplinas que regem a deusa. A beleza de Medusa encantava os mortais e os deuses; visitantes vinham de longe até o templo para observá-la - Poseidon, o deus dos mares, era um de seus admiradores. Certo dia, enquanto Medusa descansava no templo, Poseidon emergiu do mar na intenção de conquistá-la para si:

Poseidon saiu do mar inebriado de paixão e não aceitou o costumeiro “não” de Medusa. Enlouquecido, ele golpeou e violentou Medusa de maneira brutal. A partir desse momento, em meio ao trauma e à dor do estupro, a divina criatura sentiu-se horrível, suja, solitária e chorou copiosamente. Ao amanhecer, as lágrimas secaram, mas a dor continuava, e Medusa sentia-se deprimida e derrotada. (NOGUERA, 2017, p. 46)

Medusa foi encontrada por Atena no dia seguinte, ainda em seu templo. Ela contou à deusa o que havia acontecido, esperando que fosse oferecida alguma ajuda, porém foi surpreendida:

Atena ouviu o relato calada, e, por alguns instantes, Medusa esperou carinho e compreensão por parte da deusa da guerra, mas esta reagiu de maneira violenta. Atena ficou indignada e usou seus poderes olímpicos para destituir Medusa de sua beleza e da condição de deusa imortal, transformando a sacerdotisa em uma figura horrenda, uma górgona. Os cabelos, outrora sedosos, viraram cobras. O desespero de Medusa foi colossal, como cabe a um mito grego. Amargurada, passou a transformar em pedra todo homem que a observasse, apenas com seu olhar. Os homens, que outrora a desejavam, passaram a temê-la. (NOGUERA, 2017, p. 46)

A narrativa da Medusa possui traços símbolos da beleza e da mortalidade. Em *Teogonia*, Hesíodo (2000) narra que a beleza e a mortalidade é o que diferencia Medusa de suas irmãs Górgonas. no livro *Mulheres, Mitos e Deusas: o feminino através do tempo*, de Martha Robles (2019), encontramos uma definição simbólica das Górgonas:

As Górgonas representam uma forma auxiliar da luta dos filhos da Terra contra o poder incontido dos deuses. Criaturas aladas, com serpentes em vez de cabelos e mãos de bronze, sua deliberada fealdade se acentuava pelo nariz achatado, pela cara redonda e pela comprida língua exposta entre ferozes caninos de javali. Reinterpretadas ao longo do tempo, evocam as deformações da consciência consideradas, em psicanálise, pulsões pervertidas: sociabilidade, sexualidade e espiritualidade. (ROBLES, 2019, p. 108)

Medusa, como símbolo da beleza, possuía também a característica da virgindade. Através da compreensão do mito da transformação narrado acima, é possível observar que a personagem deixa de ser o símbolo da beleza após ser estuprada por Poseidon. A partir do ato sexual não consentido, existe a culpabilização da vítima e o castigo da transformação. A doutora Luiza Helena Hilgert (2020) diz que essa subjugação da Medusa acontece porque:

A aparência física de apelo sexual determinou a maneira de subjugar a mulher e, como tal, a mulher bela que inspira desejos é também culpada e incriminada por ser desta maneira; no fim das contas, ela é punida por ser atraente. Medusa foi punida por Atena e transformada em monstro, isolada para sempre numa gruta, condenada a petrificar todo aquele que voltasse seus interesses para ela. Independentemente de seus pensamentos e desejos, a mulher atraente é incriminada por inspirar sentimentos nos homens. (HILGERT, 2020, p. 53)

O mito Perseu e Medusa encerra-se com a personagem sendo decapitada por Perseu:

Com o passar do tempo, Medusa ganhou fama de malfeitora e cruel. Até que o jovem Perseu, incumbido por Polidecto, rei de Sérifo, foi incumbido de cortar a

cabeça dela. O jovem aceitou a missão e ainda ganhou apoio da deusa Atena, que sentia intensa repulsa por Medusa. A deusa da sabedoria e da guerra presenteou Perseu com uma espada e um escudo que reluzia feito espelho, e instruiu o jovem guerreiro a jamais olhar a górgona nos olhos. Perseu fez o que prometeu. Observando Medusa no escudo, que refletia a imagem dela, investiu o golpe certo, arrancando-lhe a cabeça. (NOGUERA, 2017, p.47)

Assim, não só as narrativas literárias como também as expressões artísticas passaram a reproduzir Medusa com imagem semelhante à das Górgonas, descrita anteriormente. Ao longo dos anos, a imagem da Medusa foi influenciada por diferentes culturas e, assim, traços mais suaves e uma aparência mais humana foram se construindo. Abaixo, nas figuras 1 e 2, temos a imagem da górgona estampada em objetos de épocas que antecedem a cristo . Sua feição é caricata e suas proporções exageradas, mas ao passar do tempo, observa-se, como na figura 3, que a Medusa tornou-se mais humanizada e de feições suaves.

Figura 1 - Espelho de mão decorado com a cabeça da Medusa, autor desconhecido (500–480 a.C.)



(Fonte: <<https://www.getty.edu/art/collection/object/10404D>>)

Figura 2 - Suporte de terracota, de Ergotimos e Cleitias (570 a.C.)



(Fonte: <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/253342>>)

Figura 3 - A Medusa Murtola, de Michel Angelo Merisi da Caravaggio (1597)



(Fonte: <<https://www.wikiart.org/pt/caravaggio/medusa-1597>>)

A culpabilização da vítima de estupro ainda é um debate social. No Brasil, o sexo sem consentimento é considerado crime e consta no artigo 213 do Código Penal brasileiro.² Mas ao longo das civilizações antigas, a violência do estupro ainda não era pauta de debate social, porém sempre existiram. O livro *A Cultura do Estupro*, organizado pela On Line Editora

² Para saber mais, conferir a lei nº 12.015 de 07 de agosto de 2009. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm>. Último acesso em: dez. 2022.

(2016), apresenta uma definição do que é o estupro e ainda expõe uma série de informações sobre como regiões e culturas ao redor do mundo lidavam com isso em diferentes épocas:

Na Grécia ou Roma Antiga, não havia um termo para definir a violência sexual. Não era considerado um crime de propriedade, mas a mulher era julgada pelo ato. Os romanos consideravam o estupro como uma relação sexual ilícita, uma libertinagem sexual e puniam mais o rapto das jovens do que o abuso. Na Grécia Antiga, estuprar uma mulher estrangeira ou escravas não gerava nenhuma punição para os criminosos. (ON LINE EDITORA, 2016, p. 12)

É possível considerar, portanto, que a maldição da Medusa pelas mãos de Atena foi um ato de subjugamento e silenciamento da vítima. A deusa, ao se horrorizar com os fatos relatados por sua sacerdotisa, condenou Medusa por quebrar suas virtudes de pureza sexual e a condenou a uma aparência física de monstro, de violência, de raiva e rancor, tornando-se assim símbolo da monstruosidade. Sentenciou-a a viver isolada da sociedade, um ser tão repugnante que não se deve olhar nos olhos pois tamanha é a violência sofrida que chega a ser petrificante. Comportamento que se perpetua na sua sociedade atual em muitas culturas, do ocidente ao oriente. Vítimas de estupro são silenciadas por familiares, autoridades e descredibilizadas pela sociedade.

As sociedades mais patriarcais, com fortes costumes e tabus sobre sexualidade, podem julgar a mulher estuprada como ‘objeto danificado’, e fazem com que ela seja humilhada, sofra abuso psicológico, fique isolada ou até mesmo seja condenada a morte” (ON LINE EDITORA, 2016, p. 13)

Apesar da Medusa não ser a protagonista de seu próprio mito, ela tornou-se um ícone atualizado da cultura pop. Movimentos por direitos das mulheres, artísticos, de moda, entre outros, a transformaram em símbolo de resistência e associaram o ideal contemporâneo ao conceito da mulher *femme fatale*.³ Na figura 4, temos a capa da revista de moda GQ britânica de 2013, que trouxe a cantora Rihanna performando a imagem da Medusa com uma jibóia em seu pescoço e muitas outras cobras em sua cabeça. A capa ilustrava a matéria da revista a respeito de como a cantora era costumeiramente taxada pela mídia como uma “cobra” em sua jornada artística, na conquista de seu sucesso profissional.

³ *Femme fatale*: fêmea fatal, em tradução livre. Segundo o dicionário Collins, o conceito da *femme fatale* é atribuído a uma mulher que tem a reputação de ser sexualmente atraente e de gerar problemas a quem se sente atraído por ela.

Figura 4 - Cantora Rihanna na capa da revista britânica GQ, edição de dezembro de 2013



(Fonte: <<https://portalpopline.com.br/rihanna-vira-medusa-para-capa-da-revista-gq/>>)

Outro interessante movimento artístico foi idealizado pelo artista argentino-italiano Luciano Garbati, que criou uma estátua representando Medusa segurando a cabeça de Perseu decepada (figura 5). Essa escultura foi instalada próximo ao tribunal onde o produtor de cinema americano Harvey Weinstein foi condenado a vinte e três anos de prisão por estupro e ato sexual criminoso de mulheres. Segundo a BBC NEWS (2020), seu idealizador criou a obra para fazer parte do movimento *#MeToo*,⁴ no qual mulheres vítimas de estupro ao redor de todo o mundo se mobilizaram nas ruas e através dos meios de comunicação para denunciar as violências sexuais sofridas e seus abusadores.

⁴ #EuTambém, em tradução livre.

Figura 5 - Medusa segurando a cabeça de Perseu, de Luciano Garbati (2020)



(Fonte: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54669548>>)

4. A adaptação do mito na obra *O Retorno de Medusa*

O Retorno da Medusa é uma animação criada e produzida pela animadora Mariane da Silva em 2022. Para esta adaptação, foi necessário ressignificar elementos narrativos do mito original da Medusa e contextualizá-lo para criação de uma nova jornada para a personagem.

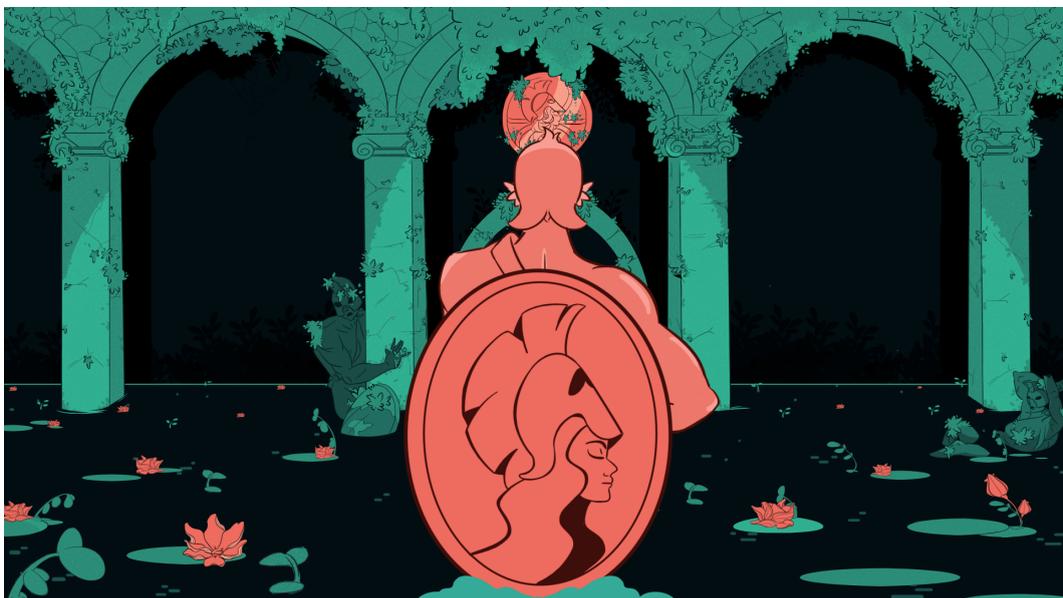
O conto da obra *O Retorno da Medusa* se passa durante a batalha de Perseu que adentrou o templo de Medusa. Em certo momento da batalha, Medusa está prestes a dar um golpe fatal em Perseu, quando percebe uma armadilha. Perseu, após observar Medusa através do escudo que Atena havia lhe emprestado, carregou sua espada de diamante em direção ao pescoço de Medusa. Segundos antes da lâmina cortar seu pescoço, Medusa percebeu no escudo de Perseu a imagem de Atena, sendo novamente castigada pelas mãos da deusa. Tomada por um sentimento corrompido de raiva e vingança, emanou uma quantidade enorme de poder enquanto a lâmina adentrava seu pescoço. Diante do risco iminente, concentrou sua energia vital em uma das cobras em seu cabelo e soltou-se de sua pele, abandonando um

corpo destruído e uma cabeça que guardava parte de seu poder. Do corpo de Medusa caído no chão nasceram o cavalo Pegasus e o gigante Crisaor. Perseu foi embora com a cabeça de Medusa e a cobra que havia se soltado fugiu para o oceano. No oceano, um aglomerado de serpentes se fundiu magicamente, moldando um novo corpo para Medusa.

O conto e a animação, a partir dos elementos diegéticos principais da obra original, propõem o empoderamento da figura feminina da Medusa através da reconquista da sua narrativa e da reflexão sobre seus traumas.

Na versão original do mito, após ser transformada, Medusa é obrigada a viver isolada em uma gruta, enquanto a animação apresenta uma Medusa que habita o antigo e abandonado templo de Atenas. O que antes era narrado em um local não especificado foi ambientado nessa adaptação da obra. Essa sutil mudança reflete que aquele local foi onde Medusa sofreu a violência do estupro e a posterior condenação por Atena. A animação, portanto, traz elementos de cena que retratam um templo com adornos que remetem a símbolos de Atena, corpos petrificados e espalhados por meio de arbustos e flores, uma água que cobre o chão do local. O cenário mistura uma natureza vívida em contraste com a violência.

Figura 6 - Cenário da entrada do templo de Medusa em *O Retorno de Medusa*



(Autoria própria)

Figura 7 - Cenário da entrada do templo de Medusa em *O Retorno de Medusa*



(Autoria própria)

Outro elemento narrativo retirado da obra original é a decapitação da Medusa. A adaptação reafirma que houve o evento da decapitação. O diferencial entre os dois momentos são os acréscimos nos detalhes que narram o evento. No mito original, Perseu consegue emboscar Medusa observando através do reflexo do escudo, estratégia sugerida por Atena, que emprestou a ele seu escudo. A obra *O Retorno da Medusa* apresenta o ponto diferencial criativo de construir uma narrativa em que a personagem consegue reivindicar seu desejo de viver e seu desejo de vingança daqueles que a machucaram. O momento emblemático dessa trama é apresentado em fragmentos na animação. O choque ao se olhar refletida sob a imagem de Atena no escudo causa um conflito visual na imagem da Medusa, que transparece um momento de perturbação da personagem. Dois inimigos unidos em prol da destruição definitiva da personagem.

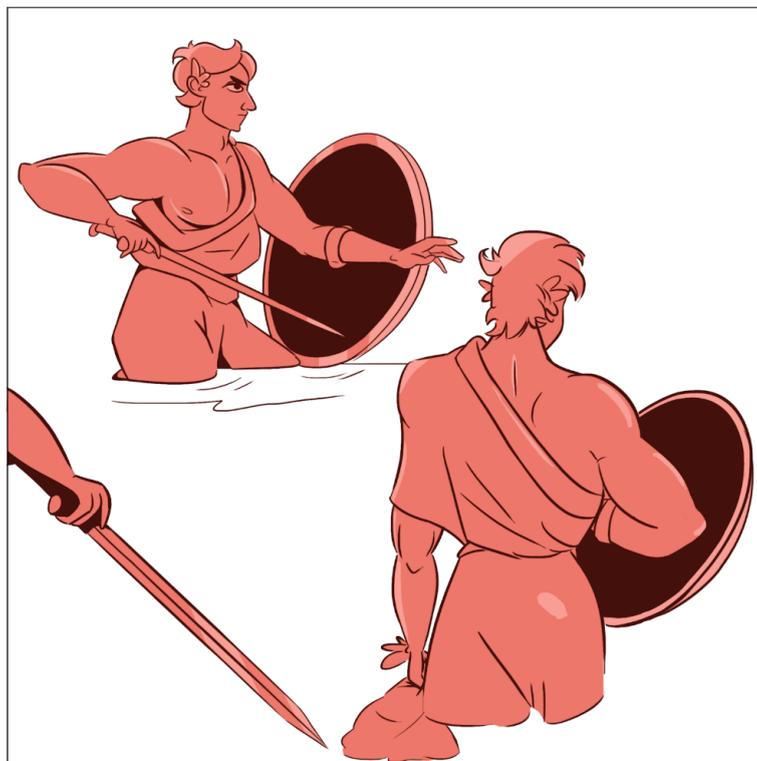
A nova narrativa é construída a partir da figura da cobra que se solta dos cabelos de Medusa, carregando parte de sua vida, enquanto o corpo deixado para trás é representado na animação por um visual perturbador e vazio da personagem. O símbolo da cobra e da troca de corpo pode ser associado ao fator natural e biológico do animal, a troca de pele. A capacidade de abandonar a pele antiga e desenvolver uma nova é exatamente o que a personagem faz na adaptação. A cobra já é um elemento associado a Medusa no imaginário popular e é o elemento chave na adaptação novamente.

Em material de comparação, temos o nascimento de Pegasus e Crisaor. Na mitologia grega, existe a nuance de que essas duas figuras que nasceram da Medusa são os filhos da relação sexual com Poseidon, já que brotam de dentro de seu corpo após a decapitação (OVÍDIO, 2020, p. 134).

Esta narrativa do nascimento se repete na adaptação do conto, porém, Pegasus e Crisaor representam fragmentos da essência de vida de Medusa que foram abandonados para escapar. Pegasus é o cavalo branco de belas asas; ele representa a beleza e a pureza que haviam sido retiradas de Medusa através da violência. Crisaor, por sua vez, é um gigante que nasceu com uma espada dourada, que pode ser relacionado a força de guerra, que havia sido contida por Medusa; o gigante violento que nasceu armado.

A animação *O Retorno da Medusa* faz a escolha estética-visual de se apresentar nas cores vermelho, verde e detalhes sutis de amarelo. É possível perceber que as cores vermelhas são utilizadas para simbolizar perigo, enquanto a verde antecede momentos antes da violência, deixando um clima misterioso e frio para a animação. Perseu é sempre retratado por vermelho, representando o perigo que adentra o templo frio e misterioso de Medusa.

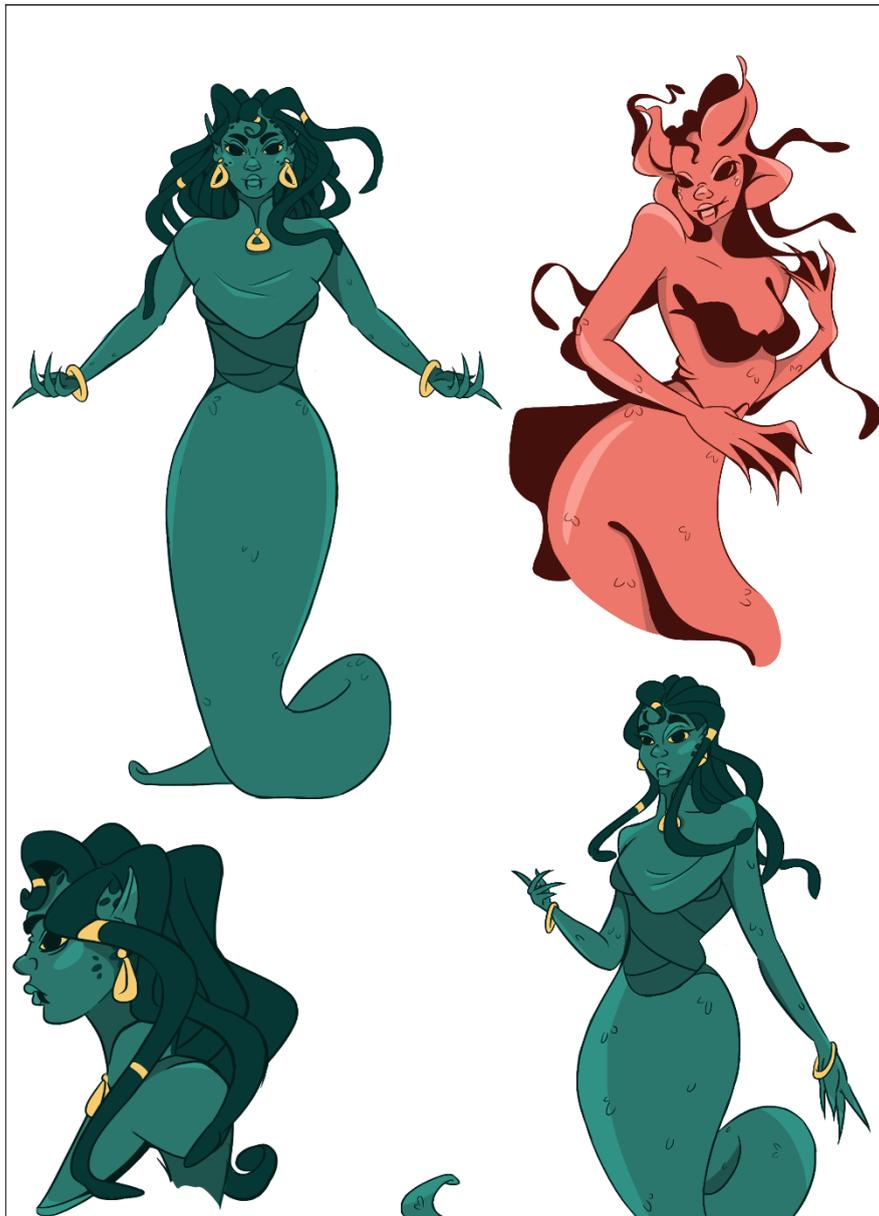
Figura 8 - Ilustração de Perseu na obra *O Retorno de Medusa*.



(Autoria própria)

Em relação a Medusa, há duas versões. A primeira como humano-criatura, a partir de traços mais humanóides com signos associados ao gênero feminino com elementos de criatura, através de uma pele esverdeada, com escamas, serpentes no cabelo, dentes projetados para fora, garras afiadas e cauda de serpente. Elementos iconográficos que são culturalmente reconhecidos pelos mitos que descrevem Medusa e que ainda se fazem presentes na cultura pop.

Figura 9 - Medusa antes de ser decapitada na obra *O Retorno de Medusa*



(Autoria própria)

A segunda, representada pela Medusa que renasceu em um novo corpo através das serpentes. A obra tomou escolhas estéticas que agregam elementos de serpentes e animais marinhos. Os dedos agora apresentam ligamentos entre eles como nadadeiras. Na cauda e nas costas da personagem há barbatanas. Sua boca tornou-se uma mandíbula de serpente. E suas escamas passam para a sua cor vermelha, como sinal de perigo.

A adaptação *O Retorno da Medusa*, propõe uma nova jornada mitológica para a personagem em busca de vingança, reivindicação do seu corpo feminino através da sua linguagem emocional, e discursa com os traumas de violência sofridos por Medusa no mito original. A obra cria a jornada de uma heroína em busca de recuperar os fragmentos de sua essência enfrentando seus inimigos. Uma jornada que viaja das ilhas remotas ao topo do Monte Olimpo. A animação é um novo reflexo sobre Medusa na reafirmação do ser.

5. Considerações finais

Este artigo possui análises reflexivas que contribuem com alguns significados a respeito do mito Perseu e Medusa, focando na desmistificação da figura da Medusa. Coube ao mito original a cobiça do corpo feminino, o descarte do que não é mais puro, a violência, a impunidade, o silenciamento e a jornada de abandono, resultando na morte de um corpo que não serve para a sociedade.

É necessário reconhecer que a cultura de gerações contribuiu com noções estereotipadas e míticas a respeito do corpo feminino e as questões de gênero. Trabalhar as antigas narrativas na perspectiva das mudanças sociais e contemporâneas, em especial a do gênero feminino, cria debates opostas às narrativas misóginas. Ressignificar as potencialidades femininas do mito diante da realidade do contemporâneo abrem espaço para debates de uma geração mais evoluída. Novos contos e novas narrativas contribuem para a transformação e reflexão da nova geração.

Reconhecer na mulher um sujeito autônomo e livre na sua constituição, mas que precisa ainda libertar-se dos mitos que lhes foram impostos e adotados por ela na construção da sua subjetividade, é a etapa seguinte na valorização da riqueza da experiência humana e na relação entre os gêneros. (HILGERT, 2020, p. 66)

O retorno da Medusa, é um teaser no formato de animação que utiliza técnicas de animação 2D, sua obra futuramente será lançada no formato HQ e disponibilizado pela plataforma Tapas. A plataforma Tapas, é uma plataforma online de publicação e acesso a

diversos quadrinhos, o que torna fácil o acesso à obra. Já a animação, se faz objeto de divulgação da obra, enquanto a HQ passa por período de produção.

A animação, O retorno de Medusa, está disponível na plataforma do Youtube, em formato de vídeo. A conclusão da obra e a argumentação construída neste artigo, visa conscientizar o leitor sobre a violência do estupro e o silenciamento de narrativas femininas nos contos mitológicos, com a intenção de promover debate ao redor do tema e incentivar a criação de narrativas femininas que ocupem esses espaços e promovam novos discursos sociais dentro da animação e literatura.

REFERÊNCIAS

ARANA, Alba Regina Azevedo *et al.* Adaptações, releituras e reescrituras de clássicos literários brasileiros. *Colloquium Humanarum*, v. 11, n. especial, pp. 738-745, jul.–dez., 2014. Disponível em: < <http://www.unoeste.br/site/enepe/2014/suplementos/area/Humanarum/Educação/ADAPTAÇÕES,%20RELEITURAS%20E%20REESCRITURAS%20DE%20CLÁSSICOS%20LITERÁRIOS%20BRASILEIROS.pdf>>. Último acesso em: dez. 2022.

ARAÚJO, Ana Paula de. *Teogonia de Hesíodo*. Disponível em: < <https://www.infoescola.com/mitologia-grega/teogonia-de-hesiodo/>>. Último acesso em: dez. 2022.

ARISTÓTELES. *A política*. [s.l.]: LeBooks Editora, 2019. 57 p.

BBC News Brasil. A intrigante estátua de Medusa em homenagem ao movimento MeToo em Nova York. BBC News Brasil, 23 de outubro de 2020. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54669548>>. Último acesso em: dez. 2022.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. 101 p.

BOLEN, Jean Shinoda. *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. São Paulo: Paulus Editora, 1990. 30 p.

BRASIL. Lei nº 12.015, de 07 de agosto de 2009. Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940, e o art. 1º da Lei no 8.072, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal, e revoga a Lei no 2.252, de 1 de julho de 1954, que trata de corrupção de menores. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm>. Último acesso em: dez. 2022.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 2014. 193 p.

HESÍODO. *Teogonia: A origem dos deuses*. São Paulo: Iluminuras, 2000. 96 p.

HILGERT, Luiza Helena. O arcaico do contemporâneo: Medusa e o mito da mulher. *Lampião*, v.1, n.1, pp. 41-70, 2020. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/lampiao/article/view/11689>>. Último acesso em: dez. 2022.

NOGUERA, Renato. *Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos formaram a mulher atual*. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2017.

On Line Editora. *Guia Mundo em Foco: cultura do estupro*. São Paulo: On Line, 2016. 12 p.

OVÍDIO. *As metamorfoses*. [s.l.]: LeBooks Editora, 2020. 134 p.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Edipro, 2019. 182 p.

ROBLES, Martha. *Mulheres, Mitos e Deusas: o feminino através do tempo*. São Paulo: Goya, 2019.

SANTOS, Sandra Ferreira dos. A mulher na Magna Grécia: um “objeto” de valor. *Revista Clássica*, v. 29, n. 1, pp. 29-48, 2016. Disponível em: <<https://revista.classica.org.br/classica/article/view/301/349>>. Último acesso em: dez. 2022.